

The background features a white space with three large, overlapping blue circles of varying sizes. Each circle is composed of concentric layers of different shades of blue, creating a 3D effect. Two thin, light blue lines intersect at the top left, forming a large 'V' shape that frames the circles. The text is positioned on the left side of the page.

A PARELHEIROS DA TERNURA

Eduardo Alencar

Título: A Parelheiros da Ternura
Autor: Eduardo Alencar
Ano: 2014

São Paulo

A PARELHEIROS DA TERNURA

EDUARDO ALENCAR

16 de agosto de 2014

Já são quase onze horas da noite e eu sem nenhum pingo de sono nesse sábado. Nenhum lugar pra sair. O namorado deu uma saidinha. Então o que me resta nesse momento é sair do vício virtual e conversar comigo mesmo.

... Aos meus 19 anos tive a oportunidade de sair do meu humilde aconchego em que Simone e Edvando, meus pais, me proporcionaram com tanto carinho e suor. Era a hora de libertar o passarinho que dentro de mim cantava.

O ano de 2012 sem dúvidas foi um dos mais agitados para uma família de oito pessoas, que em dois simples cômodos vivia; composta por pai, mãe e irmãos. Eu, o segundo mais velho de seis filhos sempre tive vontade de sair de casa. Esse desejo, ano após ano crescia cada vez mais, mesmo sem saber se isso realmente superaria os meus medos; para os amigos mais íntimos isso era bem claro, na primeira oportunidade eu jogaria tudo para o ar. E foi o que fiz.

Em fevereiro de 2012, através de um telefonema quase anônimo conheci Rodrigo de Carvalho, um jovem alegre e espontâneo que até hoje me acorda com o seu abraço e beijinho de bom dia. Essa história já se repete há 2 anos e 5 meses, e eu não me enjoo.

Eu mesmo quem contei para meus pais e meus irmãos sobre a minha opção sexual. Não quis de jeito maneira que da boca de outras pessoas fosse dito; *pois quem conta um conto, aumenta um ponto*. Todos me respeitaram desde o primeiro momento. Até hoje nunca fui tratado com desrespeito por alguém da comunidade onde eu moro. Posso andar todas as manhãs e noites pelas ruas sem que alguém me taxe como: “O gayzinho passando”, “O viadinho vindo”, “Olha só o rebolado”, “Vira homem rapaz”. Acredito que se tudo tivesse acontecido precocemente, a repercussão que isso traria não seria a mesma.

Então neste momento sabia que estava preparado pra enfrentar de cabeça erguida os obstáculos que no meu caminho surgissem. E foi assim que meu passarinho pousou em outro galho. Confesso que às vezes sinto falta das canções que ele cantarolava dentro de mim; mas só de saber que hoje estou

bem e que ele pode estar por ai voando junto com o vento, eu me sinto cada vez mais completo.

17 de agosto de 2014

- *Bom dia meu amor. Dormiu bem?*

- *Bom dia minha vida. Uhun, dormi sim.*

É assim que sou despertado do meu sono todos os dias, com beijinho e abraço carinhoso.

Como sempre, domingo é dia de visitar meus pais e irmãos. Jogar conversa fora, fofocar da vida alheia, rir e gritar ao mesmo tempo; mas antes tenho que organizar o meu quarto porque a semana será corrida e dormir com o quarto totalmente desorganizado não dá, né? Na casa da mãe ninguém é de falar baixo. Parece uma disputa de quem fala mais rápido e mais alto; Rodrigo fica perdidinho, ele é costumado a ficar no silêncio, como assim diz. Mas nem sempre na casa da Dona Lena, minha sogra, é o silêncio que tentam imaginar. Quando estão juntos, *Tatá* e *Mimi*, ficamos perdidinhos de tanto que falamos. Tatá tem 2 anos e Mimi tem 3, e são uns amores; filhos das irmãs de Rodrigo.

Meus pais moram a 30 minutos de caminhada da minha casa. Moro ainda no mesmo bairro que eles; na verdade moro no Barragem desde os meus 5 anos de idade. Por mim moraria em outro lugar onde a acesso a lojas, padaria, mercado, banco, correio fosse melhor, mas por outro lado continuo aqui por Rodrigo e porque o bairro é tranquilo e todos os meus amigos estão aqui.

Morar na região de Parelheiros é de se considerar presenteado. Daqui consigo ver os Pôr do Sol mais belos e consigo respirar um bom ar. O ruim de se morar aqui é que não se caminha menos de 15 minutos pra ir ao mercadinho mais próximo ou pegar a única linha de ônibus que tem para ir ao centro de Parelheiros.

Pra muitos esses são os pontos mais precários, a ponto de se mudarem para outros bairros. Mas pra mim o que mais sinto falta é de espaços de lazer e cultura, principalmente para os jovens e crianças.

Hoje aos meus 21 anos, estou junto com um grupo de jovens que sentem a mesma necessidade de mudar sua comunidade. Desde os meus 16 anos venho junto a esse grupo de jovens procurando melhoria para a comunidade.

Já realizamos grandes trabalhos. Poucas vezes fomos barrados, muitas fomos acolhidos e incentivados a continuar, e continuamos até hoje. Somos conhecidos como os *Escritureiros (Aventureiros da Escrita de Parelheiros)* e fomos emocionalmente tocados pela leitura prazerosa absorvida pelos livros. O que nos fez apaixonar pelo que fazemos hoje foi movido por duas senhoritas, Isabel Santos Mayer e Vera Lion, que olharam com cuidado para esta região distante do centro da cidade. Elas que já trabalhavam em regiões periféricas e que dessa vez estavam dispostas a atuar em Parelheiros.

Na casa da mãe eu sou feliz por demais. As coisas mudaram bastante desde a minha infância pra cá, me sinto muito bem acolhido como se ainda morasse lá. Hoje minha mãe fez macarronada, arroz e feijão, mas não quis almoçar lá. Cheguei um pouquinho tarde porque minha manhã foi arrumando o quarto de casa. Minha mãe está até se atualizando agora. Pediu pra eu instalar o *whatsapp* no celular dela; pois disse que não pode ficar desconectada do mundo; to ensinando ela aos poucos. Já disse também que quer aprender a mexer no computador, pois vai precisar usar no trabalho logo mais.

Meus irmãos estão todos bem. Cada um cuidando de sua casa, filho e marido. Minha avó materna estava com saudade de mim, ela também mora no mesmo quintal que meus pais, me deu um forte abraço e disse que me ama e que meus irmãos ficam com ciúmes. Amo ela demais também.

18 de agosto de 2014

“- E a bola sorteada da vez é... Número 41”.

Foi assim que voltei pra casa hoje, feliz e lembrando de uma pessoa que sem duvida nenhuma é muito querida. E a sorte esteve do meu lado hoje...

Nos meus anos de estudos, já no ensino médio minha professora de física Andrea, pegava muito no meu pé. Pegava assim, não de todos os dias ficar olhando o meu caderno pra ver se as atividades estavam todas em dia; até porque só tinha aula com ela apenas 4 vezes por semana. Ela adorava “entrar na minha mente” com suas filosofias. Eu adorava falar pelos cotovelos na aula dela, era a minha distração enquanto copiava a lição do quadro. Ela me deixava super a vontade e também gostava bastante de falar.

Um dia ela aplicou uma prova que só havia números e fórmulas, ai já fui logo falando: “- Andrea, me deseje sorte porque já sei que não vou acertar nenhuma dessas questões, e eu to falando a verdade!”. Ela terminou de entregar as provas para cada aluno da sala e olhou pra mim e disse: “- *Não vou te desejar sorte neste momento, porque acredito eu que sorte é para quem não tem capacidade, e como eu sei que você tem muita você vai conseguir. Mas pra poucas ocasiões é bom ser sortudo, como jogar bingo por exemplo. Agora para de falar se não eu vou tirar ponto da sua prova.*”

Na aula seguinte ela trouxe as provas já corrigidas, de repente ela abre um sorriso e parabeniza a classe pelo resultado da prova. Andrea foi falando uma a uma as notas pra todos saberem. Quando chegou a minha vez abaixei até a cabeça, daí ela disparou: “- *Esse menino é muito dramático meu Senhor. Eu não disse que você sabia fazer? Toma ai sua prova*”. Foi o 8 que pra mim virou um grande 10. Passei a me esforçar cada vez mais, e em três provas de física durante o ano consegui nota 10 de verdade.

Daí em diante adotei a filosofia de que sorte é para poucos e hoje foi sortudo por demais. Há um mês e alguns dias me inscrevi num edital da Secretaria de Cultura da cidade, o edital Agente Comunitário de Cultura, e pela primeira vez ganhei no sorteio com a bola número 41. Claro que os critérios não eram apenas um sorteio, teve todo um processo. Essa já era a terceira etapa e como havia poucas vagas o sorteio foi o último critério usado.

Cada agente de cultura que ali estava, sorteado ou não, pra mim já nascem fazendo a mudança na comunidade, é um habitante a mais, uma família que se cresce; a cada nome sorteado era um grito de alegria, de vitória, um grito de desejo. Desejo de não ter que desistir dos objetivos da vida, de ajudar o próximo, de tentar um mundo melhor. Mas o frio na barriga foi bom, que por mesmo que eu não fosse sorteado percebi que existem outras pessoas com os mesmos desejos que o meu de transformar sua comunidade. Agora continuarei atuando para uma Parelheiros mais democrática, onde o livro e a cultura seja acessível para todos.

19 de agosto de 2014

O celular é meu despertador, sempre durmo com ele debaixo do meu travesseiro a preguiça pela manhã é demais, não levanto de jeito maneira se deixo ele em outro lugar. Se isso acontece deixo ele lá... cantando sozinho, até que a coragem apareça ou Rodrigo levante pra desligar.

Hoje acordei com vontade de dormir mais um pouquinho; levantei mesmo assim. Pedi pra Rodrigo pegar o computador pra mim enquanto terminava de espreguiçar e tirar a remelinha dos olhos. Tinha várias coisas pra terminar antes de sair pra rua. Rodrigo já estava se arrumando pra ir trabalhar na escola que fica a 5 minutos de casa, terminou de calçar seus sapatos, escovou os dentes, me deu um beijinho e saiu, pus o computador no colo e comecei as minhas tarefas que tinham que estar prontas até o meio dia. Terminei minhas tarefas, me arrumei e fui para o ponto de ônibus.

Aqui no bairro tem só uma linha de ônibus. Os ônibus saem de 20 em 20 minutos com destino ao Terminal Parelheiros, todo mundo já sabe o horário exato. Às vezes subo correndo a ladeira que tem na rua onde moro, sou mestre em fazer isso, sempre saio atrasado de casa e olha que da minha casa até o ponto é 3 minutos no máximo. Mas triste mesmo é quem tem que caminhar de 15 a 40 minutos até o ponto de ônibus mais próximo. A pessoa sai toda arrumada de casa e quando entra no ônibus já está toda descabelada. As mulheres às vezes saem de casa de chinelo e um par de sapatos na bolsa pra não ter o risco de quebrar os saltos, chega ser até engraçado. As ruas são totalmente esburacadas e asfalto tem somente na estrada principal, a Estrada da Barragem.

Morar em Parelheiros é assim mesmo, essas coisas já fazem parte da rotina. Todo tempo de eleição os deputados aparecem em cima dos seus carros acenando e fazendo várias promessas, dizem que vão construir creches, asfaltar as ruas, melhorar o transporte... mas nada disso é feito, a não ser distribuir leite em cima de uma maca. Isso me dá uma revolta! O leite distribuído é de péssima qualidade, algumas famílias ainda pegam porque necessitam realmente. A maioria das famílias que moram aqui são grandes, às vezes com 6 outras com 8, 9, 10 pessoas numa única casa.

Hoje tive um encontro com os Escritureiros no espaço onde conseguimos colocar um ônibus que logo virará uma biblioteca comunitária. O ônibus ainda

não está pronto, mas decidimos fazer a reunião ali no espaço para as pessoas começarem a perceber que o espaço está sendo ocupado e que será um espaço da comunidade. Entorno do ônibus construímos um jardim com pneus, a ideia é transformar o espaço num espaço agradável para que as pessoas possam não só pegar livros e levar para suas casas, e sim por ali poder sentar pra ler, conversar com o próximo, apreciar uma mediação de leitura, uma contação de história... Está sendo um trabalho de formiguinha, mas nós vamos conseguir um novo espaço agradável pra comunidade. Já conseguimos criar uma biblioteca comunitária; foi uma das coisas mais incríveis que já fiz em toda minha vida. Hoje quem chega pra pegar um livro na Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura é bem recebido e sabe que o espaço foi criado pra ele; cada cantinho da biblioteca foi pensado na comunidade, o nome foi a comunidade quem escolheu junto com a gente, entre muitos eles preferiram *Caminhos da Leitura*. A escolha do nome junto à comunidade foi uma política que nós adaptamos; não se pode decidir nada sozinho quando se precisa de outras pessoas pra fazer as coisas acontecerem. A biblioteca existe a 4 anos no bairro do Colônia, os jovens se encontram lá, há oficinas de mediação de leitura para jovens e outras voltadas para a arte.

Ficamos a tarde toda em frente ao ônibus biblioteca discutindo ações que podemos fazer para apressar o processo e colocar o ônibus pra funcionar. Não demorou muito e quando demos em conta olhamos no relógio e já havia caído à noite, os alunos saíam da escola e deparavam-se com nós ali em círculo conversando de frente pra um ônibus biblioteca, que não há livros ainda... Isso mesmo, ainda.

20 de agosto de 2014

Sempre fui apaixonado por música, desde bem pequeno já gostava de ficar cantando e dançando; uma vez lembro até que minha mãe brigou comigo porque estava cantando e pulando em cima da cama dela. Sou fã da Beyoncé, fui ao show dela o ano passado no estádio do Morumbi e fiquei pertinho do palco, deu pra ver ela perfeitamente linda e encantadora. Foi a primeira vez que tinha ido num estádio de futebol, na verdade nem senti a sensação de pisar no gramado do campo e nem num campo de futebol, estava todo forrado

com placas de ferro que não prejudicava o gramado; lembrarei perfeitamente desse dia. Cada momento da minha vida eu me lembro de uma música; música pra mim são belas poesias cantadas em ritmo, são meus sentimentos e ressentimentos.

Faz 5 anos que atuo com os Escritureiros na comunidade de Parelheiros e sempre buscamos coisas novas para oferecer. Nos tornamos mais reconhecidos pelos nossos trabalhos através de um projeto que criamos desde 2011, o Cortejos de Leitura; foram dias de pesquisas e ideias, juntamos num todo e surgiu a ideia de juntar a música que tanto gostávamos com a leitura. Até hoje cortejamos alegremente pelas ruas de Parelheiros e da cidade espalhando leitura para as pessoas; poesias e poesias cantadas, e o público se diverte e acompanha, uns ficam tímidos, outros já entram na roda cantam, dançam e declamam.

A comunidade precisa de mudança assim e não mudanças tão radicais como vem acontecendo no centro de Parelheiros. Cada vez mais estão pensando e construindo mercados e lojas, até aeródromo pensaram em construir aqui em Parelheiros, ainda está sendo conversado, tomara que não consigam. As pessoas não pensam que fazendo isso elas limitam umas as outras de usufruir do que são delas e quando se pensa em construir equipamentos de ação cultural e educacional surgem vários motivos pra que a comunidade não consiga obter. Eu sou muito aberto e gostaria muito de morar num lugar onde tudo é muito acessível, mas no momento minhas condições financeiras não é adequada, e Rodrigo deseja ficar por anos e anos em Parelheiros. Aqui em Parelheiros acredito que essas mudanças radicais trariam alguns benefícios, mas muito mais malefícios, como as pessoas ficarem reprimidas a andar de noite após explodirem um banco; isso já aconteceu duas vezes aqui. É... minha comunidade precisa cada vez mais de mudanças, projetos sociais e jovens atuantes.

21 de agosto de 2014

... O dia começou bem cedo. As 06h00 da manhã o celular do Rodrigo começou a cantar. Que droga! Eu tinha acabado de colocar a cabeça no travesseiro, fiquei acordado até as 03h00 da madrugada mexendo no celular

porque estava sem sono, mas acordei disposto e alegre. Hoje é um dia especial; os Escritureiros tem uma apresentação do Cortejo de Leitura às 10h00 da manhã, e é isso que eu amo fazer, estar com os meus amigos de trabalho, eles são meus amigos da vida também, amo cada um de uma forma diferente.

Pra chegar ao centro da cidade onde foi a apresentação, levamos praticamente 2 horas e meia de carro. A coordenadora geral de todas as bibliotecas públicas da cidade foi quem convidou a gente pra fazer a abertura do Seminário do Plano Municipal do Livro, Leitura, Literatura e Biblioteca – PMLLLB de São Paulo, eles mandaram 3 carros com logotipo da Secretária da Cultura para acomodar todos nós e os instrumentos.

Eu fui no carro da frente com Sidinéia e Silvani, Rodrigo foi no carro do meio; no caminho pegamos a Kel e a Tamy, elas foram junto com ele, o Rafa foi no último carro levando os instrumentos no bagageiro.

O motorista que dirigiu o carro que eu estava com as meninas era meio desligado, eu falava com ele e ele não escutava, tinha que falar um pouco mais alto pra ele notar que era com ele que eu tava falando, mas ele pareceu ser gente boa apesar de quase não falar com a gente. Ele sintonizou o celular na rádio Alfa FM que tocava umas músicas da década de 80, eu gostei, ele tem bom gosto musical, lembrei da minha mãe, ela gosta dessa rádio.

Pegamos um trânsito infernal na Avenida Atlântica e pra ajudar Sidineia que estava no banco da frente estava ajudando o motorista Edson com seu GPS. Por esses motivos é bom sempre ter acesso às tecnologias em mão. Estávamos todos ansiosos pra chegar logo. Maldito trânsito paulistano! Chegamos um pouco atrasados, mas chegamos pra mostrar o nosso melhor, ensaiamos bastante pra espalhar música e leitura pra cidade, que mesmo distante também é nossa.

A apresentação foi ótima, erramos algumas coisas, as pessoas ficaram encantadas com a forma que levamos poesia e música juntas resgatando outras culturas do nordeste. O figurino que usamos chama a atenção, as meninas dão um super destaque com seus balangandãs e suas silhuetas dando movimentos as cores e estampas de onça que usam, os meninos dão todo um charme com suas camisetas bordadas e seus colares feitos de pedrarias coloridas e sementes.

No almoço as pessoas que estavam no evento abordaram os meninos e meninas para falar um pouco mais do projeto, cada um soube explicar. Os meninos do grupo cresceram bastante, cada um tem seu modo de trabalhar, eles se preocupam com cada apresentação que temos, buscam contatos e dão o seu melhor. Os Escritureiros são sensíveis, falar na lata as vezes o machucam; a relação entre cada um é bem íntima, coisa de melhores amigos. Alguns são irmãos, somente eu e Rodrigo somos companheiros da vida, já tiveram outros casais, hoje não mais. Estão na quinta formação, e cada jovem que entra tem seus sonhos e suas vontades de lutar por uma comunidade melhor, uma comunidade mais viva. A leitura despertou em mim tudo isso que faço hoje. Com ela descobri aos 16 anos a ternura necessária que faltava e o que eu quero pra minha vida, é isso que eu amo fazer, não sei fazer outra coisa a não ser pensar e buscar melhorias para a minha comunidade; sonho com uma Parelheiros mais leitora, mais democrática, uma Parelheiros onde as pessoas possam usufruir da leitura e literatura e possam respirar e caminhar sobre livros, porque como a memória de Monteiro Lobato ainda diz, *“Um país se faz com homens e livros”*.